

Isabela Cassiano e Silva

**DA PASSAGEM À PERMANÊNCIA:
ESTUDO DE INTEGRAÇÃO NUM MEIO
DE TRANSIÇÃO**

**Trabalho de Projeto
Mestrado em Arquitetura e Urbanismo**

JULHO, 2025

Isabela Cassiano e Silva

DA PASSAGEM À PERMANÊNCIA: ESTUDO DE INTEGRAÇÃO NUM MEIO DE TRANSIÇÃO

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo realizado sob a orientação científica do Professor João Carreira.

Declaro que este Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

Isabela Cassiano e Silva,

Porto, 18 de Julho de 2025.

Declaro que este Trabalho de Projeto se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

João Carreira

Porto, 18 de Julho de 2025.

AGRADECIMENTOS

Expresso a minha sincera gratidão à minha família, principal fonte de força e motivação. Agradeço o encorajamento permanente e pela confiança depositada em mim.

Ao meu marido e também colega de profissão, Andrey, agradeço profundamente o incentivo contínuo, o apoio incondicional e a parceria constante.

Aos meus pais e avós, deixo um reconhecimento especial, pois foram fundamentais para que pudesse chegar até aqui. O seu cuidado, dedicação e os valores transmitidos ao longo da vida tornaram possível cada passo deste caminho.

Agradeço aos colegas da ESAP, pelo acolhimento ao longo do curso e pela disponibilidade nos momentos que precisei de apoio.

Por fim, agradeço ao Professor João Carreira pelos ensinamentos, orientação e reflexões partilhadas, que foram determinantes para a construção e concretização deste Trabalho de Projeto.

ÍNDICE

Introdução.....	6
Capítulo I - Contexto Histórico do Porto e do Sítio de Intervenção	
I.1. Breves apontamentos sobre a história da cidade do Porto.....	09
I.2. Introdução a história do sítio da proposta	11
Capítulo II – As escadas urbanas como espaços de convivência: da paisagem à permanência	
II.1. Fundamentos teóricos do espaço urbano e escadas urbanas ..	14
II.2. Análise do sitio de intervenção.	19
II.3. Estudos de Casos.....	20
Capítulo III – O Projeto	
III.1. Análise do sítio de intervenção	34
III.2. A forma	47
III.3. A distribuição das partes	53
Conclusão.....	60
Bibliografia	61

INTRODUÇÃO

Esta memória descritiva tem como ponto de partida uma vivência, além de um registro técnico, a busca por uma reflexão sobre a experiência de deslocamento territorial, do Brasil à Portugal. O tema proposto emergiu de forma exploratória pela cidade do Porto.

A Grande São Paulo, localizada na região Sudeste do Brasil, é considerada uma metrópole marcada por alta densidade populacional e intensa verticalização, apresenta uma paisagem urbana que reflete um ecletismo arquitetônico permeado por diferentes estilos, influências e expressões criativas. Estudar Arquitetura e Urbanismo em uma instituição como a Universidade Presbiteriana Mackenzie, situada na freguesia de Higienópolis próximo a região central da cidade, pode despertar uma percepção crítica sobre o entorno urbano. Essa área evidencia, em seus edifícios, a resistência da memória urbana, mesmo diante do recorrente descaso e dos investimentos insuficientes em políticas de preservação do patrimônio.

A história urbana de São Paulo teve início no centro da cidade, onde foi fundado, em 1554, o Colégio Jesuíta, um marco do surgimento do núcleo original. Foi nesse território que a cidade se desenvolveu, passou por sucessivos ciclos econômicos e transformações socioculturais. O chamado Triângulo Histórico, delimitado pelas ruas Direita, XV de Novembro e São Bento, representa o coração desse processo, como parte significativa da história paulistana em sua malha urbana e edificações. A arquitetura do centro histórico materializa essa trajetória com obras emblemáticas como o Teatro Municipal, o Edifício Martinelli e o Copan, que compõem um panorama urbano capaz de expressar tanto o desejo de modernidade quanto a memória de diferentes épocas. Essa sobreposição de tempos e estilos, visível nas fachadas e na paisagem construída, contribui para a complexidade do repertório arquitetônico paulistano. Como observa o jornalista brasileiro e crítico de arquitetura Raul Juste Lores¹, a cidade revela, sobretudo em seus ícones verticais do século XX, o entusiasmo modernizador de empresários e arquitetos dispostos a criar uma metrópole à altura de seus sonhos.

¹ LORES, Raul Juste. 2017. São Paulo nas alturas: A revolução modernista da arquitetura e do mercado imobiliário nos anos 1950 e 1960. São Paulo: Companhia das Letras.

Estudar arquitetura em Portugal proporciona uma compreensão mais aprofundada das influências históricas que moldaram a arquitetura e urbanismo no Brasil, especialmente no centro de São Paulo.

Ao observar a dinâmica da vida na cidade do Porto, podemos perceber o cuidado exacerbado da cidade com suas características históricas e estrutura urbana, sem deixar de se adaptar às necessidades contemporâneas. Em contraste, o centro histórico de São Paulo apresenta um processo mais acelerado e menos ordenado de transformação, com a verticalização e urbanização intensas que resultaram em um tecido urbano de contrastes desequilibrados, onde a memória arquitetônica muitas vezes é ofuscada pela necessidade de expansão e modernização. A experiência de morar em Portugal permite uma reflexão crítica sobre o uso da reabilitação urbana e as soluções que surgem a partir da exaltação de espaços históricos.

O relevo da cidade do Porto, com sua topografia irregular com altos e baixos constantes, chama a atenção pela forma como a cidade se adapta à geografia do rio Douro. Escadarias que ligam a parte baixa à parte alta da cidade são elementos fundamentais desse tecido urbano, não apenas como soluções de circulação, mas também como marcos que definem a experiência criada no espaço. Ao percorrer essas escadas, somos levados a um encontro entre o turismo exacerbado e a resistência da simplicidade cotidiana dos moradores. O espaço urbano necessita de constante evolução, é essencial encontrar o equilíbrio entre a modernidade e a preservação da história do sítio.

Na busca por reimaginar e revitalizar espaços urbanos, o presente trabalho de projeto direciona seu foco para a transformação da Escadaria do Codeçal num ambiente de convivência para habitantes e transeuntes. Localizada no centro histórico do Porto, próxima à Ribeira, essa escadaria representa um elemento arquitetônico que simboliza a conexão entre a topografia acidentada da cidade.

O objetivo da proposta deste projeto é estabelecer um diálogo entre a memória histórica da região onde a escadaria se insere e a introdução de intervenções contemporâneas nos espaços que se encontram obsoletos. Busca-se não apenas ressaltar a funcionalidade da escadaria como elemento de transição, mas também explorar seu potencial como um espaço de interação, proporcionando novas experiências e usos. Transformar um ponto de passagem em um lugar que estimula a convivência e a valorização do espaço urbano, conectando o passado e presente de forma simples e harmônica.

Ao longo desta reflexão, será explorada não apenas a proposta da intervenção no sítio do projeto, mas também os aspectos sociais e culturais envolvidos em sua transformação. A organização das ideias neste trabalho estrutura-se a partir de uma

metodologia projetual, através da qual se procura compreender como a reinterpretação desse elemento arquitetônico pode, simultaneamente, atender às necessidades urbanísticas e promover um novo significado no contexto social da cidade. A proposta envolve uma abordagem multifacetada, que inclui a análise do comportamento urbano, a pesquisa sobre o uso atual da escadaria e a implementação de soluções contemporâneas. Utilizaremos métodos como análise de estudos de caso, mapeamento de fluxos urbanos e análise do sítio para auxiliar no estudo de melhores soluções para os espaços.

CAPÍTULO I: CONTEXTO HISTÓRICO DO PORTO E DO SÍTIO DE INTERVENÇÃO

I.1. Breves apontamentos sobre a história da cidade do Porto

Neste capítulo, iremos contextualizar a história da cidade do Porto e seu crescimento, ressaltando a região da Ribeira onde se localiza o terreno do projeto. Ao conhecer a história do sítio percebemos a importância deste para a cidade. O centro histórico do Porto recebeu o título de Patrimônio Mundial da UNESCO, em reconhecimento ao seu valor cultural e urbanístico.

A cidade do Porto, localizada na costa noroeste de Portugal, possui uma história marcada por períodos de transformações. Entre os séculos XVII e XIX, o Porto passou por profundas transformações sociais e econômicas que alteraram significativamente sua configuração urbana. O Mercantilismo, que floresceu nesse período, propiciou um aumento no comércio marítimo, fundamental para o crescimento econômico da cidade. Como resultado, a população aumentou e a cidade expandiu.

O tecido urbano da cidade se desenvolveu dentro do perímetro fortificado, mas com o crescimento demográfico surgiram questões urbanísticas a se resolver, a expansão da zona urbana além das muralhas.

Durante o reinado de D. José, João de Almada e Melo assumiu um papel central na transformação urbana do Porto, investindo na melhora das vias públicas e na modernização da infraestrutura da cidade. Foi na fase Iluminista e sob o impulso de João de Almada e Melo, que se abriram novos arruamentos para lá das muralhas e se criaram praças no tecido mais antigo. Não apenas serviu para encanar a parte terminal do Rio, como para desafogar a densa malha urbana.

Na última fase de expansão, o período Liberal foi considerado um impulso de industrialização e houve a criação de vias estruturais para a cidade como a Rua da Constituição, Rua Costa Cabral, Avenida e Praça da Boa Vista.

A topografia da cidade, caracterizada por colinas e vales, influencia fortemente o modo de vida e a organização urbana. As escadas, como a do Codeçal, surgem como soluções arquitetônicas essenciais para conectar diferentes níveis da cidade.



Figura 01: Desenvolvimento da cidade do Porto. (FERNANDES, Francisco Barata, 1999. Transformação e permanência na habitação portuense.)

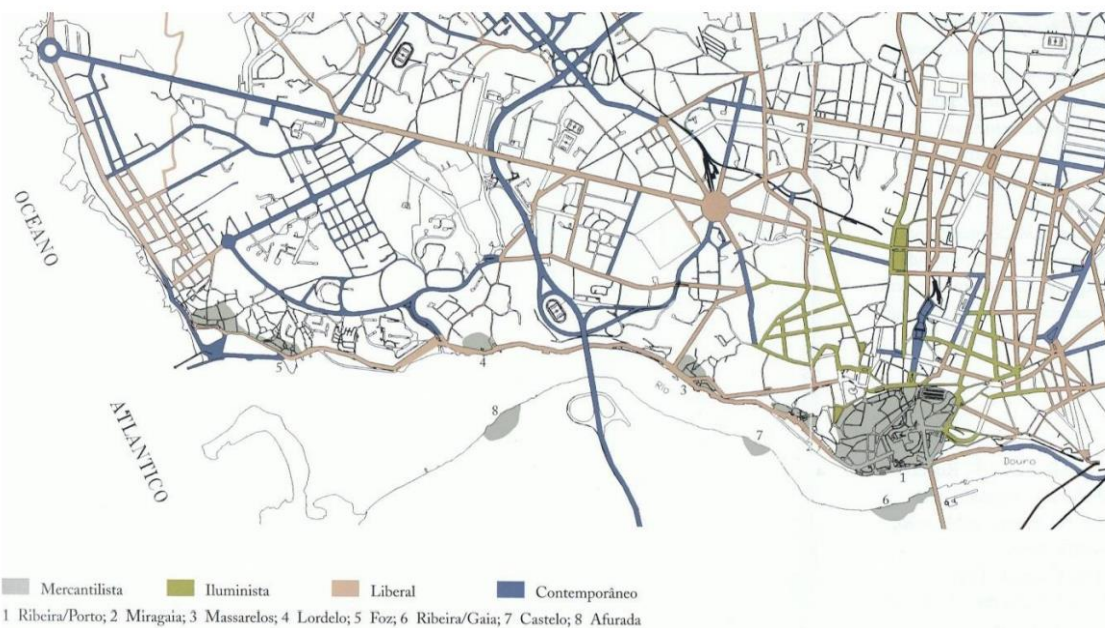


Figura 02: Fases da expansão urbana da cidade do Porto. (FERNANDES, Francisco Barata, 1999. Transformação e permanência na habitação portuense.)

I.2. Introdução a história do sítio da proposta

Na Idade Média, a Escadaria do Codeçal desempenhava um papel estratégico como percurso de ronda na Muralha Fernandina, estabelecendo a ligação entre a parte alta da cidade e a Ribeira, onde o comércio se expandia. A escadaria do Codeçal é um testemunho das soluções arquitetônicas adaptadas ao relevo acidentado do Porto. Situada entre a Sé Catedral e a zona da Ribeira, a escadaria surgiu como uma das principais vias de circulação entre diferentes cotas da cidade. Com seus mais de 400 degraus, a escadaria ilustra a forma como o tecido urbano do Porto foi moldado em resposta ao seu terreno irregular.

Historicamente, a escadaria foi essencial para o fluxo de pessoas entre o topo da cidade, onde se concentrava o poder religioso e administrativo, e a zona ribeirinha, onde o comércio se intensificava. A construção da Ponte D. Luís I, na década de 1880, impactou diretamente a escadaria, suas bases estruturais foram construídas no entorno da escada.

Destaca-se também o antigo Recolhimento do Ferro, criado com o objetivo de acolher mulheres em processo de reintegração social. Inicialmente localizado na Rua Escura, foi transferido para o Codeçal em 1729. No local, também foi construída a Capela de Nossa Senhora do Patrocínio. Estes elementos constituem parte importante da herança cultural da escadaria, reforçando o seu valor histórico e simbólico.

Ao longo do tempo, a Escadaria do Codeçal perdeu parte da sua relevância como espaço de convívio, tornando-se um percurso negligenciado. No entanto, a sua localização estratégica oferece oportunidades significativas para reintegração no cotidiano da cidade. A proposta do trabalho de projeto tem como partido a intervenção nos espaços obsoletos e a reabilitação urbana da escadaria, com intenção de preservar seu patrimônio urbanístico e transformá-la num espaço público qualificado para a comunidade.

É importante ressaltar que a Escadaria do Codeçal não está sozinha na sua importância e potencial transformador. A região circundante é pontilhada por outras escadarias históricas, como a Escada dos Guindais e a Escada do Barredo, que desempenham papéis semelhantes na conectividade e na configuração do tecido urbano. Estas estruturas, muitas vezes esquecidas, compartilham o potencial de se tornarem espaços de permanência e interação social. Segundo Friedrich Mielke²,

² MIELKE, Friedrich (1993). Handbuch der Treppenkunde. Hannover: Verlag Th. Schäfer.

engenheiro e pesquisador sobre o conceito escadologia, as escadas não são apenas elementos de transição, mas locais com qualidades espaciais únicas que podem estimular o encontro e o convívio.

A reabilitação da escadaria deve envolver medidas que enfrentem suas principais deficiências, como a ausência de segurança, iluminação e mobiliário urbano. A criação de um espaço de convergência e integração no percurso, uma praça pública interna, pode intensificar o caráter público do projeto, funcionando como um centro cultural vivo, onde a vida urbana se manifeste espontaneamente.

A Escadaria do Codeçal, a Ponte D. Luís I e o Convento do Ferro são reconhecidos como parte do patrimônio histórico da cidade do Porto. A preservação do patrimônio é essencial para manter a identidade das cidades. Integrar esses elementos históricos em propostas de requalificação urbana não só respeita a memória da cidade, como também permite que ela se renove de forma consciente, promovendo espaços vivos, inclusivos e culturalmente ricos.

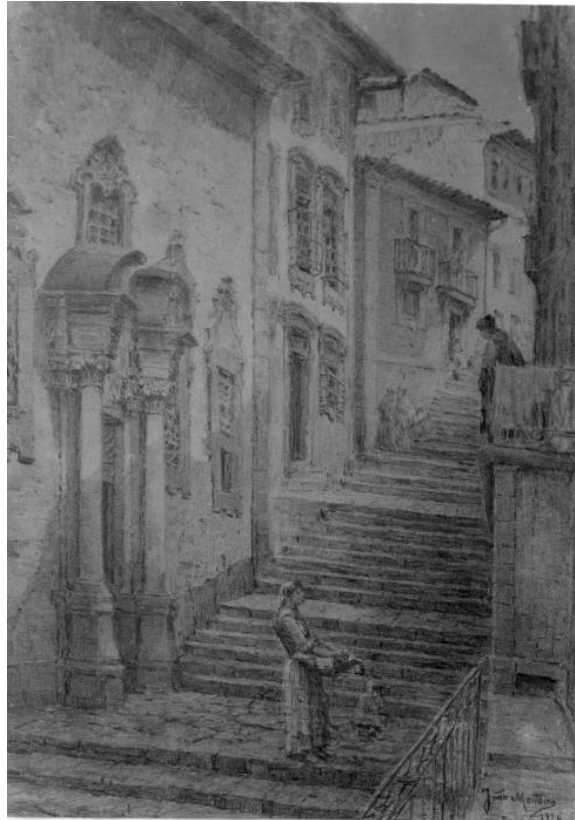


Figura 03: Aspecto do Convento Recolhimento do Ferro, nas escadas do Codeçal. Desenho a lápis de João Monteiro (1920). Fonte: Reprodução fotográfica de Teófilo Rego.



Figura 04: Imagem da Escada do Codeçal, vendo-se a fachada principal do Recolhimento do Ferro e crianças a brincar. Fonte: Reprodução fotográfica de Teófilo Rego.

CAPÍTULO II: As Escadas Urbanas como Espaços de Convivência: da Passagem à Permanência

As ruas e escadarias das cidades funcionam como palcos da vida urbana, onde as interações pessoais se desenrolam e a cultura local se manifesta. A valorização do caminhar não apenas como meio de transporte, mas também como atividade que enriquece a experiência urbana, é fundamental para a criação de espaços públicos convidativos.

As escadas urbanas, frequentemente encaradas apenas como elementos de circulação vertical, possuem um potencial significativo como dispositivos arquitetônicos e urbanísticos que promovem encontros, pausas e experiências sensoriais únicas no tecido urbano. Este capítulo propõe uma reflexão sobre o papel das escadas como espaços públicos de convivência, relacionando os fundamentos teóricos de autores como Jane Jacobs, Jan Gehl e Rem Koolhaas, além de estudos de caso no Brasil e na Europa.

II.1. Fundamentos Teóricos do espaço urbano e escadas urbanas

O arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl³, conhecido pelos seus estudos sobre o comportamento humano no espaço urbano, argumenta que, por décadas, a dimensão urbana foi esquecida no planejamento urbano, sendo rejeitada frente à prioridade dada ao tráfego de automóveis. Segundo o autor, a cidade passou a ser moldada por ideologias modernistas que negligenciaram os espaços públicos, os pedestres e a vida urbana como expressão social e cultural. Para Gehl, é urgente restabelecer a função social do espaço urbano como lugar de encontro e fórum democrático, contribuindo assim para uma sociedade mais sustentável e inclusiva.

De forma complementar, a jornalista e ativista urbana Jane Jacobs⁴, reconhecida como uma das principais referências no debate sobre o urbanismo humanizado do século XX, defende que o espaço urbano deve fomentar a interação social e a vida pública quotidiana. Para ela, ruas, praças e até escadarias podem e devem ser transformadas em ambientes vibrantes, seguros e acolhedores. Essa compreensão nos permite ver as escadas não apenas como meios de transição, mas como potenciais lugares de permanência e encontro.

³ GEHL, Jan. 2013. Cidade Para Pessoas. São Paulo: Perspectiva.

⁴ JACOBS, Jane. 2011. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: WMF Martins Fontes.

A valorização do caminhar como meio de transporte é um ponto central neste debate. A cidade ideal é aquela que convida o pedestre a circular com conforto e interesse, encontrando oportunidades de interação, descanso e socialização ao longo do trajeto. As escadas, embora por vezes percebidas como obstáculos cansativos, podem ser redesenhadas ou requalificadas com patamares amplos que funcionem como praças intermediárias. Estes espaços proporcionam pausas na subida e podem abrigar mobiliário urbano, vegetação e até atividades culturais, tornando o percurso mais agradável.

A cidade do Porto, por exemplo, apresenta uma série de escadarias que extrapola a função de deslocamento. Elas se tornam pontos de observação da paisagem urbana e da vivência cotidiana. O arquiteto holandês Rem Koolhaas, em sua obra "S,M,L,XL"⁵, destaca as escadas como "eventos arquitetônicos" que interferem diretamente na experiência espacial da cidade, funcionando como elementos que interrompem e ao mesmo tempo conectam percursos, promovendo interações e novas dinâmicas urbanas. Nesse sentido, as escadas também podem ser entendidas como espaços de transição onde a convivência se desenrola de maneira espontânea.

No âmbito dos fundamentos teóricos do espaço urbano, é pertinente ampliar a discussão para além da dimensão social e simbólica das escadas, incorporando também aspectos funcionais e ambientais que contribuem para a qualidade do meio urbano. Um exemplo significativo é o conceito de "escadas drenantes", inicialmente proposto por Oscar Niemeyer e amplamente desenvolvido pelo arquiteto brasileiro João Filgueiras Lima, conhecido como Lelé⁶.

Lelé foi um dos grandes representantes da arquitetura brasileira no que diz respeito à racionalização construtiva e ao uso do betão armado de forma industrializada. Com uma visão profundamente técnica e social, ele defendia o emprego de pré-moldados em betão como solução para construções mais rápidas, econômicas e duráveis, especialmente em equipamentos públicos. Essa abordagem foi essencial para viabilizar sistemas construtivos integrados, onde as estruturas, como escadas, rampas e passarelas, desempenham múltiplas funções, inclusive de drenagem.

No caso das escadas drenantes, Lelé projetava degraus e patamares com superfícies compostas por malhas metálicas, grelhas ou elementos modulares com vazios, permitindo o escoamento vertical da água. Essas estruturas funcionam por meio de

⁵ KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. 1998. S, M, L, XL. 2ª ed. Nova York: the Monacelli Press.

⁶ LIMA, João Filgueiras (Lelé). 2012. Arquitetura: uma experiência na área da saúde. São Paulo: Romano Guerra.

um sistema de infiltração direta, onde a água da chuva penetra pelo piso e é absorvida pelo solo ou redirecionada para reservatórios ou canais subterrâneos. Além disso, os materiais utilizados, como placas de betão poroso, revestimentos permeáveis e sistemas de coleta interligados, favorecem a retenção e desaceleração do fluxo pluvial, contribuindo para a redução do escoamento superficial e a diminuição de alagamentos.

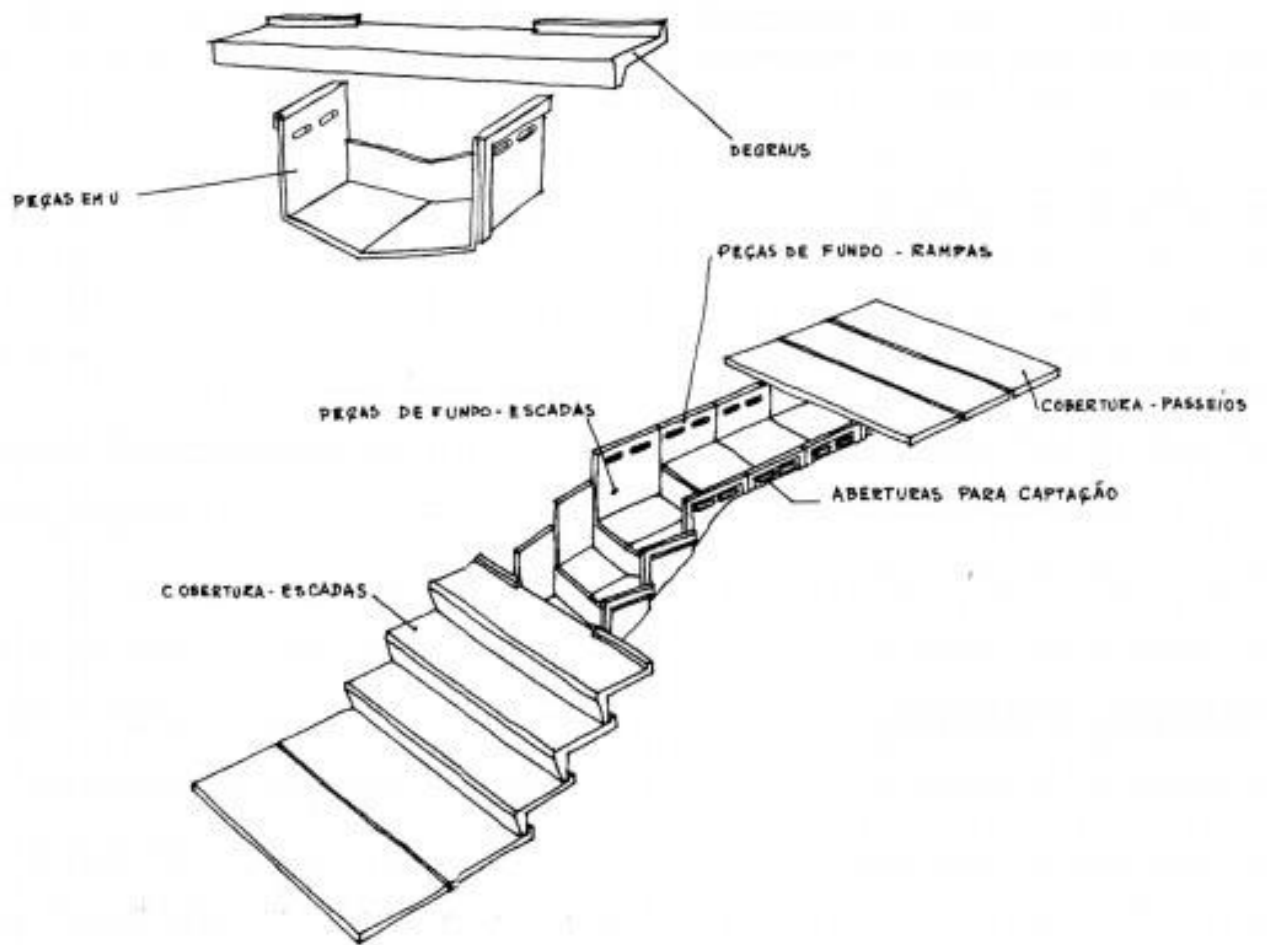


Figura 05: Projeto da escada drenante feito por Lelé.

No contexto das escadas analisadas na cidade do Porto, como a Escada do Codeçal e a Escada dos Guindais, é possível estabelecer um diálogo com o conceito proposto por Lelé, ampliando a reflexão sobre o papel dessas estruturas na paisagem urbana contemporânea. O Porto, por ser uma cidade com alto índice pluviométrico ao longo do ano e uma topografia marcadamente acidentada enfrenta desafios específicos relacionados ao escoamento de águas pluviais e à segurança dos pedestres. As escadarias em pedra, apesar de sua relevância histórica e estética, tornam-se perigosas em períodos de chuva intensa, o que evidencia a necessidade de intervenções pontuais que aprimorem o desempenho funcional desses espaços sem descaracterizá-los.

Nesse sentido, inspirar-se no conceito das escadas drenantes não implica uma substituição ou reforma completa das estruturas existentes, mas sim a adoção de soluções complementares, como faixas permeáveis laterais, inserção de grelhas de drenagem, ou revestimentos antiderrapantes em pontos estratégicos. Essas medidas permitiriam a retenção e infiltração da água da chuva, reduzindo o risco de alagamentos e aumentando a segurança e conforto das pessoas. Assim, essas escadarias passam a ser vistas como infraestruturas urbanas ativas além de um patrimônio, capazes de responder a condições ambientais extremas e promover uma maior integração entre memória, uso e sustentabilidade.

Como parte da evolução das soluções de mobilidade em áreas urbanas com desnível, surgiram alternativas como escadas rolantes, esteiras e elevadores, tecnologias que facilitam o deslocamento e ampliam a acessibilidade. No caso dos elevadores urbanos, sua presença em cidades com topografia acentuada, como o Porto, demonstra que tais equipamentos podem ser mais do que simples meios de acesso, podem atuar como infraestruturas integradas ao cotidiano urbano, promovendo inclusão social e conectividade entre áreas antes isoladas. Incorporar esses elementos de forma sensível à paisagem existente permite responder às necessidades contemporâneas de mobilidade, sem comprometer o valor histórico ou simbólico dos espaços. Assim, os elevadores não substituem as escadas tradicionais, mas oferecem soluções complementares.

II.2. Análise do sítio de intervenção

A Escada do Codeçal, localizada na cidade do Porto, conecta a zona ribeirinha ao Morro da Sé, inserindo-se em um contexto histórico e cultural significativo. Atualmente, a escadaria é utilizada tanto por moradores locais quanto por turistas, refletindo a dualidade entre a vida cotidiana e o fluxo turístico crescente na região.

Sua proximidade com áreas históricas e turísticas, o centro histórico do Porto, faz dela uma rota importante para os visitantes que exploram a cidade. Contudo, a escada enfrenta desafios relacionados à infraestrutura, como o desgaste do pavimento e a falta de espaços de descanso adequados, o que impacta a experiência dos usuários.

Além disso, percorrer a escadaria do Codeçal é uma experiência sensível que nos remete à história local, não apenas pela sua arquitetura, mas também pelo convívio cotidiano dos portugueses que ali residem. O percurso oferece uma imersão na vida urbana, onde o ritmo da cidade se mistura com o cenário bucólico, refletindo a vivência autêntica do Porto. A escada é ladeada por construções antigas, onde se pode perceber a tradição e a memória da cidade, com seus detalhes arquitetônicos e materiais originais, que tornam o caminho mais do que uma simples passagem. Ao longo do trajeto, é possível contemplar vistas panorâmicas para o rio Douro, proporcionando momentos de pausas naturais no meio do caminho. A proximidade de restaurantes e lojas também contribui para um ambiente vibrante, em que a escada deixa de ser apenas um espaço de trânsito e se torna um lugar de convivência, tanto para moradores quanto para turistas.

Contudo, o intenso e desorganizado fluxo de turistas pode gerar um desconforto para os moradores locais. O aumento da circulação de visitantes especialmente em horários de pico, pode resultar em questões como ruído excessivo, a falta de privacidade e a deterioração do espaço público devido ao uso intenso como passagem. Para equilibrar essas dinâmicas, é essencial a implementação de novos usos para as escadarias, com o objetivo de melhorar a segurança, aumentar a interação social e fomentar a economia local para gerar um cuidado maior com esse sítio. A criação de espaços de convivência e descanso ao longo da escada, bem como a oferta de atividades culturais, comerciais e de lazer, pode contribuir para a revitalização, promovendo a segurança e o bem-estar tanto dos moradores quanto dos turistas.

Uma escadaria adjacente relevante é a Escadaria dos Guindais, que assim como a Escadaria do Codeçal, tem grande importância na conectividade entre diferentes partes do Porto. A escadaria dos Guindais serve tanto para o deslocamento de pedestres como ponto de referência turístico, especialmente pela sua proximidade com a Ribeira, uma das freguesias mais emblemáticas da cidade. A escada também

passou por um processo de requalificação incluindo melhorias na acessibilidade e na infraestrutura.

II.3. Estudos de Caso

A análise de estudos de caso desempenha um papel fundamental nesta pesquisa ao possibilitar a observação de como elementos de circulação vetical, como escadarias e elevadores urbanos, têm sido apropriados, transformados e ressignificados como espaços de convivência nas cidades. Ao investigar diferentes contextos urbanos, busca-se compreender de que maneira essas infraestruturas, muitas vezes encaradas apenas como meios funcionais de deslocamento, podem também configurar lugares de permanência, encontro e expressão cultural.

Este capítulo apresenta uma seleção de escadas e elevadores urbanos que ilustram diferentes abordagens projetuais, sociais e culturais em relação a esses espaços. A escolha dos casos foi guiada pela diversidade geográfica, funcional e a variação da escala do elemento, como a arquibancada da Times Square em New York, a Escada do Codeçal, no Porto, o Elevador Lacerda, em Salvador, e iniciativas como o projeto “Olhe o Degrau”, no Brasil.

Ao longo da análise, são discutidos aspectos como inserção urbana, as estratégias de valorização do caminhar, os desafios topográficos, o papel da comunidade na requalificação dos espaços e o potencial dessas infraestruturas na vida cotidiana. A observação é articulada com referências teóricas, como as de Jane Jacobs e Jan Gehl, permitindo uma leitura crítica das experiências analisadas e de suas contribuições para o urbanismo contemporâneo.

Diversos estudos de caso ilustram essa multifuncionalidade. O primeiro exemplo que abordamos é a Escada da Pedra do Sal, localizada na região portuária do Rio de Janeiro, um local de forte valor cultural, histórico e simbólico. Originalmente chamada de Pedra da Prainha, a formação rochosa era utilizada como ponto de desembarque de carregamentos de sal provenientes dos navios que atracavam no antigo Cais da Prainha. Com o tempo, uma escada foi esculpida diretamente na rocha para permitir o acesso ao Morro da Conceição, uma das primeiras áreas de ocupação urbana da cidade.

Ao longo dos séculos, o uso da escadaria transformou-se profundamente. De infraestrutura logística no contexto colonial e portuário, a Pedra do Sal passou a integrar o cotidiano da população negra libertada e dos trabalhadores portuários. No início do século XX, tornou-se um ponto de encontro de sambistas, muitos deles

estivadores e carregadores, consolidando-se como berço do samba carioca e espaço central para a afirmação da identidade afro-brasileira.

Atualmente, a Pedra do Sal é um território de resistência cultural e de valorização da memória negra. As rodas de samba que ocorrem semanalmente mantêm viva um prática coletiva que articula música, dança, religiosidade e ocupação do espaço público. Trata-se de uma escada que extrapola sua função de conexão física entre cotas e assume um papel central como infraestrutura social, palco urbano e símbolo de permanência histórica.

Entre suas potencialidades urbanas, destaca-se sua capacidade de promover o uso noturno e a convivência atemporal, ativando o espaço público de forma espontânea e acessível. Além disso, a escadaria, integrada ao tecido histórico da freguesia da Saúde, estimula o turismo cultural e fortalece vínculos de pertencimento. Mesmo diante de processos de gentrificação e de projetos de revitalização portuária, o uso popular da Pedra do Sal resiste e evidencia como escadas podem evoluir de caminhos utilitários para espaços de celebração e memória coletiva.



Figura 06: Pedra do Sal atualmente. Foto: Alex Ferro.



Figura 07: Imagem de celebração na Pedra do Sal. Foto: Luciana Whitaker.

Outro estudo de caso significativo é a Ladeira da Barroquinha, em Salvador. Esse espaço, anteriormente negligenciado, passou por um processo de requalificação, integrando arte urbana, mobiliário e acessibilidade. O escritório Metro Arquitetos Associados, responsável pelo projeto, levou em consideração a importância do local como um eixo importante de ligação no centro histórico da capital da Bahia. A proposta do escritório Metro Arquitetos valorizou a topografia acentuada da ladeira, por meio de plataformas em diferentes níveis, que respeitam a inclinação natural do terreno e promovem fluidez no percurso. Com a intervenção, a Ladeira da Barroquinha deixou de ser apenas uma via de passagem e passou a integrar o circuito de espaços públicos ativos no centro histórico, desempenhando papel relevante na vida cultural local. Ao adotar esse modelo, a Ladeira da Barroquinha serve como exemplo de como escadas podem ser requalificadas para servir à comunidade, estimulando o uso diário e proporcionando um ambiente mais acolhedor e seguro.

No contexto paulistano, a iniciativa “Olhe o Degrau”, com foco na cidade de São Paulo, busca mapear escadarias subutilizadas e propor ações de requalificação que revitalizem esses espaços esquecidos. Com foco na apropriação comunitária, o projeto promove melhorias pontuais como pintura dos degraus, sinalização, inserção de mobiliário urbano e organização de eventos culturais, sempre com participação ativa dos moradores.

A iniciativa consiste em intervenções participativas simples, como a pintura de degraus, a adição de sinalização, promover atividades e eventos, e melhorias no mobiliário urbano, que visam transformar as escadas em espaços mais atraentes, funcionais e seguros. A ação tem como objetivo recuperar as escadas como elementos importantes da cidade, promovendo o resgate da memória local e estimulando sua utilização por pedestres. Esse projeto protagoniza as escadas como oportunidades de incrementar espaços de lazer, as requalificações envolvem os moradores também, disponibiliza a oportunidade de trazerem sugestões de melhorias para o espaço.

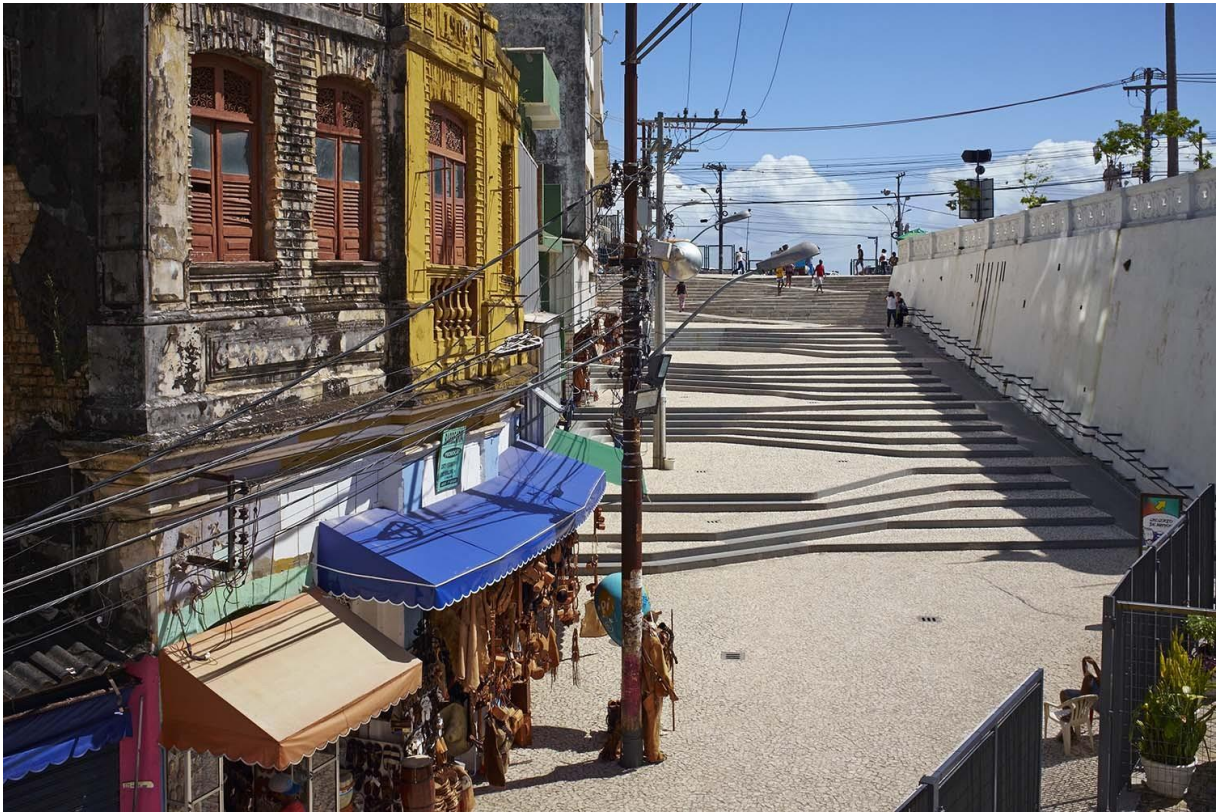


Figura 08: Ladeira da Barroquinha. Reforma realizada pelo escritório Metro Arquitetos. Fonte: Archdaily

Um exemplo emblemático do uso espontâneo e multifuncional das escadas urbanas é a escadaria localizada em frente ao Metropolitan Museum of Art, em Nova York, amplamente conhecida como a “escadaria do Met”. Localizada na movimentada Quinta Avenida, a escadaria do Met funciona como um espaço público informal, acessível a moradores e turistas que a utilizam como área de descanso e observação da vida urbana. Além de sua função prática como elemento de transição entre o nível da rua e o museu, a escadaria tornou-se um espaço icônico, frequentemente utilizado como cenário de filmes, videoclipes e séries de televisão, reforçando seu caráter simbólico e cultural. O Met também explora esse espaço como extensão de sua programação artística, transformando-o ocasionalmente com plataformas temporárias que abrigam exposições de arte contemporânea, ampliando o acesso à cultura e incentivando novas formas de fruição artística no espaço público.

Durante o Met Gala, um dos principais eventos da indústria da moda, os degraus do museu ganham destaque como passarela simbólica, palco de aparições midiáticas que reforçam sua dimensão cultural e social.

Essa apropriação cotidiana da escada como lugar de convivência também se manifesta em menor escala nas escadas frontais dos pequenos prédios residenciais das regiões de West Village e Brooklyn, em Nova York. Nessas freguesias, é comum o hábito de sentar-se nos degraus da entrada das casas, prática conhecida como *stoop sitting*. O termo *stoop*, de origem holandesa (*stoep*), refere-se à pequena escada ou varanda elevada situada entre a calçada e a porta de entrada, típica da arquitetura urbana nova-iorquina. Esses degraus funcionam como uma extensão semi-pública da moradia, uma zona de transição entre o espaço privado e o urbano, onde as pessoas se reúnem informalmente, observam a vizinhança, conversam ou simplesmente desfrutam do tempo ao ar livre. Mais do que um hábito, o *stoop sitting* tornou-se um ritual urbano acessível a todos, não exige mais do que alguns degraus, um momento de pausa e a intenção de estar presente no espaço. O *stoop* pode ser o cenário para tomar um café, local de descanso após um dia exaustivo, lugar de conversa para vizinhos. É também um espaço observação ou distração, que oferece um respiro diante do ritmo acelerado da vida cotidiana. Ainda que simples, essa prática revela o valor afetivo de estar no espaço urbano, transformando a escada em um ponto de ancoragem emocional e social no tecido da cidade. Inspirado por essa cultura, o talk show *The Stoop* traz conversas e histórias que retratam a diversidade e a vida comunitária nesses espaços informais, reforçando o papel das escadas como palco de conexões sociais e culturais.

A arquibancada da Times Square, em Nova York, também é um exemplo emblemático de como uma escada pode ser transformada em um espaço de convivência e pausa.

Originalmente concebida como uma escada de acesso à plataforma elevada, a estrutura foi transformada em um ponto de observação, oferecendo uma perspectiva única sobre a movimentação da cidade e promovendo um novo tipo de interação com o espaço público. A arquibancada da Times Square, exemplifica como as escadas podem ser ressignificadas e incorporadas como parte ativa da vida urbana, criando novas possibilidades para os cidadãos interagirem com a cidade.

A Escadaria dos Judeus, situada na cidade do Porto, é um exemplo de como a arquitetura urbana pode integrar soluções modernas de acessibilidade sem comprometer o valor histórico do local. Originalmente composta por uma série de degraus que conectam diferentes níveis da cidade, a escadaria foi complementada com a instalação de uma escada rolante ao lado. Esta intervenção permite que pessoas com mobilidade reduzida ou dificuldades de locomoção acessem o espaço com maior facilidade, promovendo a inclusão social e a democratização do uso do espaço público. A escada rolante foi projetada de forma a harmonizar com a estética histórica da escadaria, garantido que a modernização não afetasse a identidade arquitetônica do local.

Enquanto as escadas promovem o deslocamento através do esforço físico, evocando uma vivência tátil, sequencial e aberta ao espaço urbano, os elevadores públicos verticais oferecem deslocamentos instantâneos, muitas vezes enclausurados, que reorganizam a percepção do tempo e da paisagem. Essa mudança de ritmo e de sensação espacial transforma os elevadores em dispositivos que articulam movimento, acesso e infraestrutura em uma experiência compacta e verticalizada. Diferentemente das escadas, cuja presença muitas vezes se dilui no cotidiano da cidade, os elevadores, por sua verticalidade destacada, estrutura monumental e vistas panorâmicas, tornam-se marcos arquitetônicos que sintetizam a relação entre engenharia, paisagem e mobilidade. Sua inserção em áreas de topografia acidentada ou densa não apenas facilita a circulação urbana, mas redefine fluxos e reconecta áreas antes segregadas física e socialmente. Nesse sentido, os elevadores públicos não substituem as escadas, mas oferecem uma alternativa de acesso que, além de funcional, carrega um potencial simbólico e integrador específico das cidades contemporâneas. Dois exemplos emblemáticos dessa função ampliada dos elevadores na cidade são o Elevador Lacerda, em Salvador, e o Elevador de Santa Justa, em Lisboa.

Em Salvador, o Elevador Lacerda configura-se como um dos ícones urbanos mais emblemáticos da cidade tanto por sua função quanto por sua forte presença simbólica na paisagem. Inaugurado em 1873 e modernizado ao longo do século XX, ele conecta a Cidade Alta, centro administrativo e político, à Cidade Baixa, área comercial e

portuária, vencendo um desnível de aproximadamente 72 metros entre dois planos. Mais do que um meio de transporte vertical, o elevador constitui um elo urbano essencial, que articula diferentes dimensões socioeconômicas e espaciais da capital baiana. Ao longo dos anos, tornou-se também um marco turístico e cultural, com sua estrutura art deco e vistas privilegiadas da Baía de Todos os Santos. Seu uso cotidiano por moradores e sua valorização simbólica por visitantes revelam como infraestruturas funcionais podem se tornar parte do imaginário coletivo da cidade.

Já em Lisboa, o Elevador de Santa Justa, construído em 1902, destaca-se por sua estrutura em ferro forjado no estilo neogótico, realizado pelo engenheiro Raoul Mesnier de Ponsard. Localizado na Baixa lisboeta, ele estabelece a ligação entre a Rua do Ouro e o Largo do Carmo, superando um desnível de 45 metros. Além de cumprir uma função prática de circulação vertical no tecido urbano denso e acidentado da cidade, o elevador converte-se em miradouro e atração turística, oferecendo uma experiência singular de acesso à cidade e à paisagem. Tal como nas escadarias urbanas apropriadas pela coletividade, o Elevador de Santa Justa transcende sua função técnica e se afirma como lugar de permanência e memória, conectando diferentes camadas da cidade histórica.



Figura 09: Vista da cota superior do elevador Lacerda em Salvador. Fonte: G1.

Como conclusão da breve reflexão, a análise das escadarias urbanas no Porto, especialmente a Escadaria do Codeçal, a Escadaria dos Guindais e a Escadaria dos Judeus, revela a complexidade dessas estruturas no contexto urbano. Elas não são meros elementos de circulação, mas representam espaços multifacetados de convivência, memória e interação social. A partir dos fundamentos teóricos de pensadores como Jane Jacobs, que destaca a importância da rua como palco da vida urbana e da interação social, e Jan Gehl, que valoriza o caminhar como meio de transporte e uma oportunidade de vivência, podemos compreender a escada como um elemento central na arquitetura da cidade. As escadas, ao serem tratadas com uma abordagem mais humanizada, podem se tornar locais dinâmicos, com potencial para integrar funções sociais, culturais e ambientais.

A dinâmica de uso das escadarias, tal como evidenciado pelos estudos de caso, mostra que elas são espaços dinâmicos, onde o movimento das pessoas se entrelaça com o contexto histórico e social do local. A Escadaria do Codeçal, por exemplo, oferece uma experiência sensorial, com vistas para o rio Douro e o contexto de convivência entre moradores e turistas. Contudo, o turismo intenso pode gerar desafios, como a diminuição da qualidade de vida dos moradores por falta de segurança, e a carência de espaços de permanência adequados. Para enfrentar esses desafios, é essencial requalificar essas escadas com novas funcionalidades que promovam a segurança, o conforto e a interação, sem perder a sua conexão com a identidade histórica da cidade.

A proposta de Lelé, com suas escadas drenantes, oferece uma solução interessante ao integrar a funcionalidade ambiental das escadas com a sua capacidade de oferecer um espaço de convivência. Ao adotar soluções como a drenagem de águas pluviais, as escadas podem ser mais do que uma via de trânsito, elas podem se transformar em elementos sustentáveis, que respeitam o ambiente e ao mesmo tempo favorecem o conforto dos usuários.

A inclusão de estudos de caso como a Escadaria dos Judeus, reforça a importância de considerar as escadas urbanas como elementos versáteis que atendem às diversas necessidades da população. A integração de soluções modernas, como a escada rolante, ao lado de estruturas históricas, demonstra a viabilidade de conciliar acessibilidade e preservação do patrimônio arquitetônico. As escadas do Porto exemplificam como é possível respeitar a história e a identidade cultural da cidade, ao mesmo tempo em que se implementam soluções inovadoras que atendem às demandas contemporâneas de mobilidade.

Além disso, um aspecto essencial que emerge da reflexão sobre as escadarias urbanas é a criação de espaços de permanência ao redor delas. Muitas vezes, as

escadas são vistas como barreiras físicas e psicológicas, que interrompem o fluxo natural do pedestre e dificultam a integração social. No entanto, ao introduzir elementos como mobiliário urbano, áreas de lazer e até mesmo pequenas praças, as escadas podem se transformar em locais de descanso e convivência, oferecendo aos moradores espaços agradáveis para pausas e encontros. A escada deixa de ser apenas um obstáculo e se torna um ponto de convivência e identidade.

Esse pensamento se conecta diretamente à valorização do caminhar como meio de transporte e à potencialidade das escadas para outras atividades além da mobilidade. O caminhar, como defendido por Jan Gehl, é uma prática essencial não apenas para a locomoção, mas também como uma oportunidade para interação social e a descoberta de novos espaços urbanos. Ao transformar as escadas em locais onde o caminhar é integrado com momentos de descanso e interação, elas ganham uma nova dimensão de uso, onde o movimento contínuo é quebrado por momentos de pausa, enriquecendo a experiência da cidade. Portanto, as escadas urbanas merecem ser vistas não apenas como estruturas mecânicas de acesso, mas como elementos arquitetônicos de grande importância, que, quando tratadas adequadamente, podem enriquecer a experiência urbana. A escada como destacado por autores como Jacobs e Gehl, é mais do que uma mera conexão entre pontos; é um espaço de interação social, um lugar que marca o ritmo da cidade. O grande desafio para as escadas do porto, e para as escadas urbanas em geral, é o de reintegrá-las no tecido urbano de forma que atendam às necessidades contemporâneas, sem perder sua identidade cultural e histórica. Ao reconhecê-las como elementos importantes da cidade e ao explorar suas potencialidades, podemos transformar essas estruturas não apenas em locais de passagem, mas em espaços de vivência e identidade, essenciais para a formação de uma cidade mais humana e acessível para todos.

Os estudos de caso apresentados, incluindo escadarias históricas espaços simbólicos de Nova York e infraestruturas contemporâneas, revela a multiplicidade de significados e usos que esses elementos assumem na cidade. Mais do que simples dispositivos de circulação, escadas e elevadores configuram-se como elementos urbanos capazes de reunir práticas cotidianas, valores culturais, dinâmicas sociais e estratégias de mobilidade.

A Escadaria do Codeçal, situada entre camadas históricas e a paisagem do Rio Douro, exemplifica a escada como uma travessia sensorial e simbólica, carregada de memória, mas desafiada por transformações turísticas e urbanas. Já a escadaria externa do Metropolitan Museum of Art, em Nova York, projeta-se como palco de visibilidade coletiva, um espaço informal de permanência e sociabilidade, mas

também um cenário midiático que, anualmente, transforma-se em passarela durante o Met Gala, reforçando seu caráter monumental e simbólico. Um exemplo para a Escada do Codeçal, o Met evidencia o potencial da escada como infraestrutura e, simultaneamente, como lugar de expressão cultural.

Ainda em Nova York, o hábito de sentar-se nos degraus das casas das freguesias predominantemente residenciais, conhecido como *stoop sitting*, ilustra como escadas menores também se tornam espaços afetivos e multifuncionais no cotidiano urbano. Seja para observar o movimento da rua, conversar com vizinhos ou simplesmente observar a paisagem, o *stoop* opera como uma extensão do espaço particular para o espaço público. Esses momentos de pausa e observação refletem valores simples de convivência que eram comuns na Escadaria do Codeçal e que se deseja retomar, promovendo uma experiência urbana mais humana e integrada.

Complementando esse panorama, os elevadores urbanos, como o Elevador Lacerda, em Salvador, e o Elevador de Santa Justa, em Lisboa, ampliam a compreensão da mobilidade vertical. Se as escadas provocam um deslocamento corporal, gradual e aberto, os elevadores oferecem uma experiência tecnológica, rápida e encapsulada. No entanto, ambos compartilham o papel de integrar diferentes cotas da cidade, articulando fluxos, conectando territórios e, muitas vezes, tornando-se ícones visuais e afetivos. A monumentalidade do Elevador Lacerda ou a estrutura neogótica do Santa Justa evidenciam como esses equipamentos também se tornam referenciais urbanos e turísticos, assumindo funções que vão além da utilidade prática.

A Escadaria do Codeçal, em particular, pode ser vista como uma conexão entre arquiteturas, um elo entre o passado histórico e as necessidades urbanas contemporâneas. Ela simboliza a relação entre o patrimônio da cidade e as transformações que acontecem na sociedade moderna. A escada, nesse contexto não é apenas um meio de acesso, mas um espaço que carrega consigo o valor cultural e histórico da cidade, sendo também um elo fundamental para o fluxo urbano.

“Por mais que espaço e tempo sejam importantes, lugar e ocasião importam mais. Pois na mente do homem, o espaço é o lugar e o tempo é a ocasião”⁷. Essa afirmação do arquiteto, professor e pensador holandês, Aldo van Eyck, revela uma compreensão profunda do valor simbólico e humano do espaço público. Mais do que uma estrutura física sujeita às transformações da cidade, o espaço público é um elemento unificador. Há o respeito das raízes culturais e sociais de um lugar, ao mesmo tempo em que se adapta e evolui com os usos e relações que ali se estabelecem. Van Eyck

⁷ PISEAGRAMA. A cidade como playground. Revista Piseagrama, Belo Horizonte, 2014.

propõe, assim, que projetar a cidade não é apenas organizar fluxos e funções, mas criar ocasiões significativas de encontro, permanência e pertencimento.

“Com o tempo a cidade cresce sobre si mesma; adquire consciência e memória de si própria. Na sua construção permanecem os motivos originários, mas ao mesmo tempo a cidade esclarece e modifica os motivos do seu próprio desenvolvimento.”

Aldo Rossi

CAPÍTULO III: A PROPOSTA DE PROJETO

“A comodidade de qualquer edifício compreende 3 atributos principais, que são: a sua situação, a sua forma e a distribuição das suas partes” Aldo Rossi

III.1. Análise do sítio de intervenção

Tentaremos aqui, analisar o sítio de intervenção em diferentes aspectos urbanos, arquitetônicos e topográficos, com base no desenvolvimento de mapas temáticos e em observações realizadas in loco. O terreno em questão localiza-se no centro histórico da cidade do Porto, entre a Escada do Codeçal e a Rua da Senhora das Verdades, conectado à Ponte Luís I. Está inserido em um setor de transição entre a plataforma monumental da cidade alta e os níveis inferiores da malha urbana, estabelecendo relações visuais e funcionais com a frente ribeirinha do rio Douro.

Essa localização estratégica confere ao terreno um papel não particular na estrutura urbana do centro histórico do Porto. A sua proximidade com importantes referências patrimoniais e culturais, como a muralha Fernandina e a Praça da Ribeira, bem como a sua visibilidade a partir de pontos icônicos, como a própria ponte, atribuem-lhe grande potencial de valorização urbanística. Ao mesmo tempo, sua condição atual de subutilização e degradação física, reforça a urgência de uma intervenção qualificada, capaz de articular preservação, reabilitação e inovação no espaço urbano consolidado.

Malha Urbana e Relevo

A morfologia urbana do centro histórico do Porto caracteriza-se por uma malha urbana densa e de traçado orgânico, com ruas estreitas e irregulares que seguem o relevo natural do terreno (Figura 10). O sítio de intervenção está localizado em uma encosta que conecta dois patamares urbanos: a cota alta da Ponte e a cota baixa da Ribeira, junto ao rio Douro.

A orientação predominante da encosta é voltada para o sul/sudoeste, o que proporciona uma exposição solar favorável ao longo do dia, especialmente no período da manhã e início da tarde. Esta característica beneficia o conforto ambiental dos espaços exteriores e potencializa a qualidade dos ambientes contruídos. O relevo, embora desafiador, constitui um dos elementos identitários da paisagem portuense e deve ser valorizado no desenvolvimento do projeto.

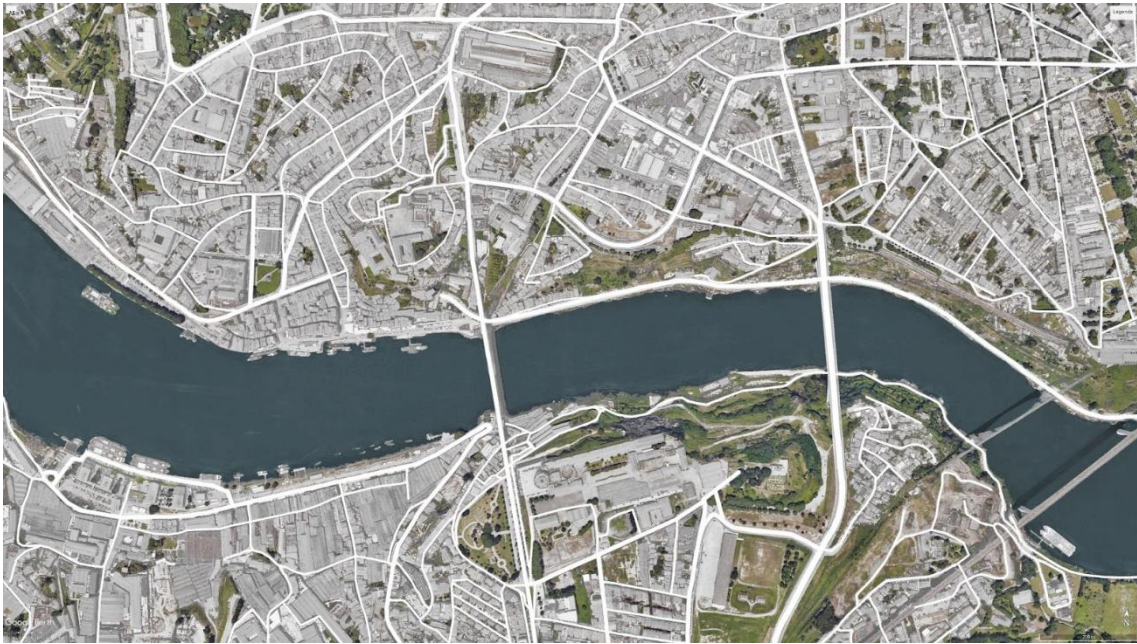


Figura 10: Mapa com malha Urbana do entorno do sítio de projeto.

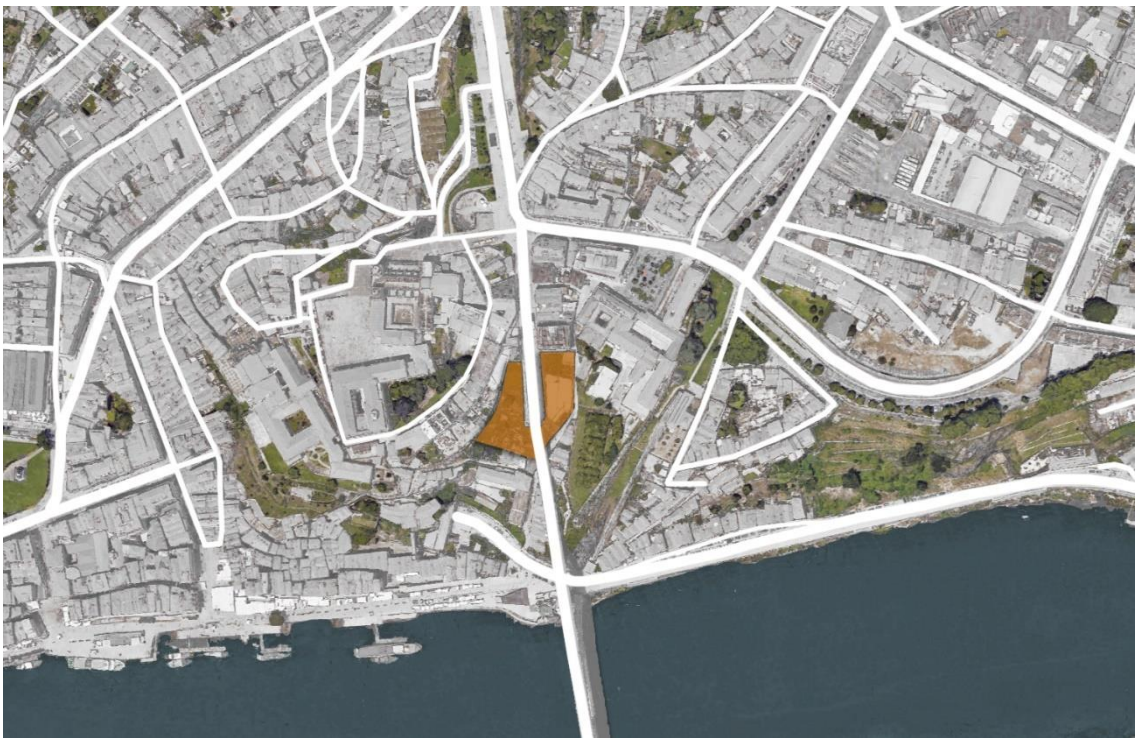


Figura 11: Mapa com marcação do terreno no entorno inserido.



Figura 12: Mapa de equipamentos urbanos simbólicos inseridos no entorno do sítio de projeto.

Mobilidade e Conectividade

O mapa de mobilidade (imagem 13) evidencia que a área apresenta condições físicas que dificultam a circulação convencional, sobretudo em razão da declividade acentuada. No entanto, por estar inserida em uma zona central, a região é bem atendida por transporte público, incluindo a Estação de Metro São Bento, diversas paragens de autocarros e os funiculares dos Guindais.

A rede de escadas urbanas desempenha papel fundamental na superação dos desníveis. A Escada do Codeçal, objeto de estudo deste trabalho, constitui um dos principais percursos verticais da cidade. Em seu entorno, outras escadas – como as escadas das Verdades, do Barredo, dos Guindais e do Colégio – reforçam essa lógica de conexão entre cotas distintas.



Figura 13: Mapa de mobilidade do entorno do sítio escolhido para o projeto.

Estado de Conservação

Segundo a análise do mapa (Figura 14), a área de intervenção apresenta predominantemente edificações em estado crítico ou razoável. Observa-se um conjunto de estruturas com fachadas deterioradas, uso comprometido e, em muitos casos, abandono. O terreno demarcado insere-se integralmente em área classificada como de conservação crítica, o que torna imprescindível a reabilitação física e funcional das estruturas ali existentes.

Trata-se, portanto, de uma oportunidade de regeneração urbana por meio da valorização do patrimônio construído, da recuperação do tecido edificado e da ressignificação dos espaços adjacentes.

Usos do Solo

A leitura do uso do solo analisado (Figura 15) revela que a área apresenta predominância do uso residencial, com presenças pontuais de atividades comerciais, institucionais e áreas verdes. Embora essa diversidade seja positiva, constata-se uma carência de serviços e atividades que promovam a vitalidade urbana contínua.

Dessa forma, recomenda-se fomentar a mescla de usos, incentivando a implantação de comércios de proximidade e serviços que atendam à população local e aos visitantes. Essa diversificação funcional pode contribuir para a ativação urbana, o aumento da segurança e a melhora da qualidade de vida dos residentes. Dado o predomínio já consolidado de habitação, a estratégia projetual deverá buscar o equilíbrio com outras funções urbanas.



Figura 14: Mapa de conservação dos edifícios do entorno do sítio escolhido para o projeto.



Figura 15: Mapa de usos dos edifícios do entorno do sítio escolhido para o projeto.

Fotos da Escada do Codeçal



Figura 16: Foto tirada na Escada do Codeçal.



Figura 17: Foto tirada na Escada do Codeçal.

Fotos do terreno

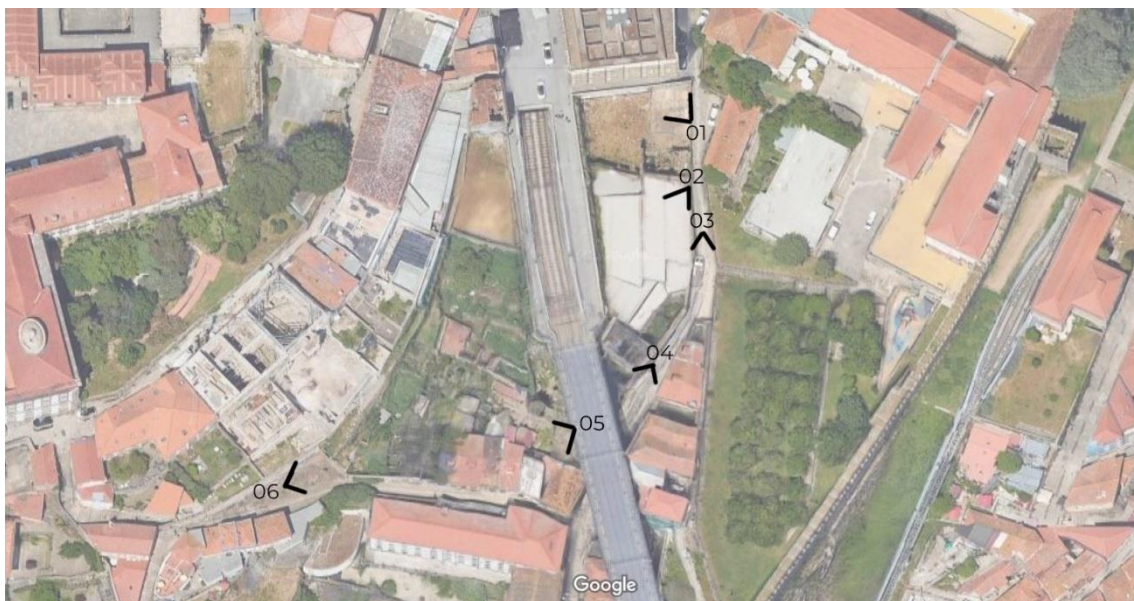


Figura 18: Imagem Google Maps e editada pelo autor.



Figura 19: Foto do terreno 01.



Figura 20: Foto do terreno 02.



Figura 21: Foto do terreno 03.



Figura 22: Foto do terreno 04.



Figura 23: Foto do terreno 05.



Figura 24: Foto do terreno 06.

Potencialidades e Oportunidades

A análise do sítio de intervenção permite identificar um conjunto de características físicas, morfológicas e contextuais que configuram um cenário propício à proposição de uma intervenção urbana qualificada. Apesar do estado de conservação comprometido e do subaproveitamento atual da área, observam-se elementos urbanos e ambientais que oferecem condições para a reestruturação do espaço, com base em estratégias que considerem sua inserção histórica, sua topografia acentuada e sua relação com o entorno imediato.

O relevo íngreme do terreno, embora apresente limitações em termos de mobilidade, proporciona aberturas visuais privilegiadas sobre o rio Douro e a frente da Ribeira de Vila Nova de Gaia. A proximidade com a Ponte Luis I, a Sé do Porto e outros marcos urbanos relevantes confere ao local visibilidade e potencial de articulação visual e funcional com a paisagem urbana consolidada. A orientação solar favorável, voltada predominantemente para o sul/sudoeste, é outro fator que contribui para a qualificação ambiental da área, especialmente em relação ao conforto dos espaços abertos.

A extensão do terreno e sua continuidade ao longo da escadaria do Codeçal permitem considerar a implantação de patamares, pequenas praças, mobiliário urbano, áreas verdes e equipamentos de apoio. Tais elementos podem contribuir para diversificar o uso do espaço e ampliar sua apropriação cotidiana, articulando mobilidade e permanência.

A presença de transporte público nas proximidades, incluindo estações de metro, linhas de autocarro e sistemas de transporte vertical, favorece a acessibilidade e sugere a possibilidade de integrar a escadaria a uma rede mais ampla de deslocamentos urbanos. A reinterpretção da escada como "rua vertical" propõe uma nova leitura de sua função: além de permitir o trânsito entre cotas, o percurso pode acolher usos variados e oferecer novas experiências de fruição do espaço urbano.

O conjunto de pré-existências presentes no terreno, muros em pedra, vestígios edificados, vegetação espontânea, sugere um diálogo possível entre as camadas históricas do lugar e as demandas contemporâneas de projeto. O tratamento sensível dessas estruturas pode contribuir para preservar a identidade do local e reforçar o valor simbólico do percurso, sem comprometer a introdução de novas soluções arquitetônicas e urbanas. Com base nessas condições, observa-se a possibilidade de incorporar espaços voltados à arte pública, ao comércio de pequena escala, a eventos temporários ou usos comunitários, que atuem como dispositivos de ativação urbana. A inclusão de

mobiliário e iluminação adequados pode qualificar o ambiente e favorecer seu uso contínuo por diferentes públicos. Estratégias paisagísticas voltadas à criação de microclimas e zonas de refúgio também podem ser exploradas como forma de melhorar o conforto ambiental e a ambiência do lugar. O projeto que aqui apresento tem como objetivo valorizar esses aspectos ao considerar a escadaria como um percurso com vocação para uso coletivo. A intenção é estimular o uso cotidiano do espaço, criando condições para a convivência entre moradores e visitantes, e promovendo a integração entre território e a cidade.

O terreno, neste contexto, configura-se como um eixo de convergência que pode abrigar atividades culturais, encontros espontâneos e práticas coletivas. A proposta de intervenção não se restringe à qualificação física do espaço, mas busca explorar suas potencialidades para fomentar um uso mais diverso, acessível e conectado ao entorno. A escada do Codeçal, por sua vez, é considerada não apenas como infraestrutura de circulação, mas como suporte de usos múltiplos, integrando mobilidade, convivência, memória e paisagem em uma estrutura contínua e articulada com a cidade.

III.2. A forma

A proposta de intervenção desenvolvida para a área da Escada do Codeçal parte da premissa de que este elemento, para além de sua função estrutural de transposição de desníveis, possui um potencial significativo enquanto articulador urbano. A diretriz central do projeto é a criação e o fortalecimento de conexões, compreendidas em duas dimensões principais: conexões físicas, relacionadas à articulação entre diferentes cotas e equipamentos urbanos; e conexões sociais, associadas à ativação de espaços de permanência e ao incentivo à apropriação do espaço público.

A escada do Codeçal constitui o ponto de partida e o eixo estruturador da intervenção. A proposta busca ampliar sua função de circulação vertical através da criação de um novo sistema de conexões que se desdobra a partir dela. Este sistema incorpora uma nova escada que se projeta a partir do traçado existente, estabelecendo uma ligação direta com um volume de galeria de exposições inserido na cota superior do terreno. Este volume, implantado de forma a se adaptar à topografia acidentada, tem como intenção servir não apenas como elemento de transição entre cotas, mas também como espaço destinado à permanência, contemplação e eventual uso cultural.

A partir da galeria, o percurso se desdobra em direção à cota inferior, onde se localiza o Mercado do Codeçal. O projeto propõe uma ligação direta entre esses dois pontos por meio de um novo lance de escadas, o que permite estabelecer um percurso contínuo entre a cota mais baixa do terreno e a mais alta que esta no mesmo nível da Ponte Luís I. A circulação direta entre o Mercado do Codeçal se dá por meio da articulação de dois elementos: uma escada adicional e a instalação de um elevador com uma passarela interligada com a ponte, garantindo assim acessibilidade a todos os públicos e possibilitando o uso do percurso por diferentes acessos do projeto, provocando experiências diversificadas.

Conclui-se que, ao articular conexões físicas e sociais, o projeto propõe-se a configurar uma nova experiência de deslocamento, promovendo interações significativas entre o espaço construído e os usuários. O percurso tem início na cota da Ponte Luís I, a partir do acesso ao volume da galeria, um edifício marcado por uma única faixa de iluminação natural na cobertura, onde se localiza um miradouro com acesso por meio de uma rampa externa. A descida pela Escada do Codeçal conduz a uma pequena praça equipada com bancos de concreto e iluminação integrada. A partir da base da galeria, onde há edifícios comerciais como cafés e lojas, o trajeto se estende por uma nova escada, que acompanha o ritmo da existente, incorporando-a ao projeto. Este percurso conduz à cota mais baixa do

terreno, onde está implantado o Mercado do Codeçal, edificado de forma integrada à topografia local, e sua cobertura contém arquibancadas que funcionam como miradouro. Por fim, essa cota é também equipada com elevador e escada que estabelecem a ligação direta a Ponte Luis I, encerrando o circuito vertical e potencializando a vivência urbana do lugar.

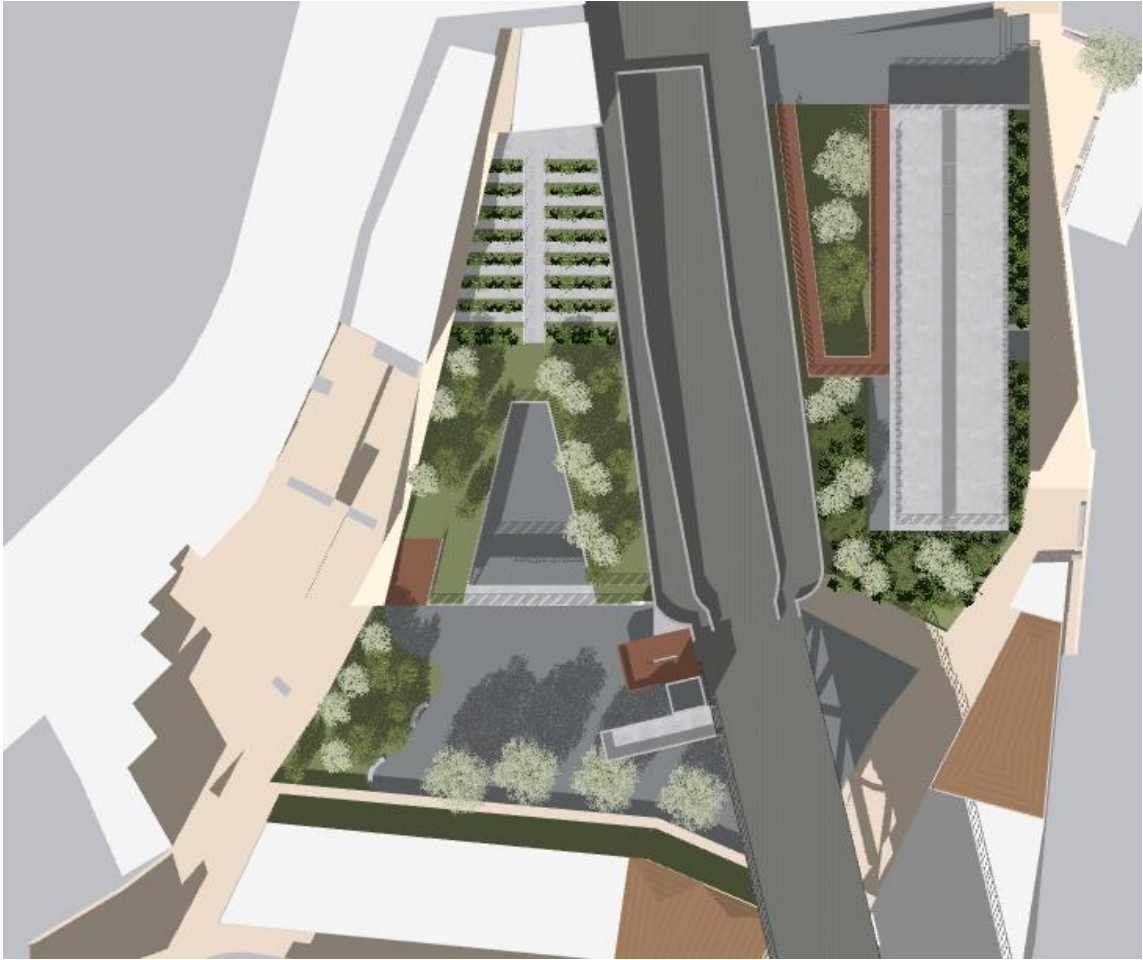


Figura 25: Implantação do Projeto.

Ao longo do desenvolvimento da proposta, foram realizados estudos volumétricos com o objetivo de compreender a melhor forma de inserção das novas estruturas no tecido urbano consolidado, respeitando a escala do entorno e os elementos de valor patrimonial já existentes. O estilo arquitetônico adotado não buscou apresentar a arquitetura tradicional portuguesa presente nas edificações do entorno, mas sim estabelecer um diálogo que parte do contraste, um princípio que já se manifesta na própria paisagem com a presença marcante da Ponte Luís I. Esta estrutura, à época de sua construção, introduziu uma nova linguagem na paisagem dominada por habitações características da época inicial do centro histórico, assumindo sua condição de elemento de ruptura da linguagem arquitetônica já presente no espaço. Os volumes propostos para a galeria e os percursos verticais foram concebidos a partir de uma linguagem contemporânea, que assume sua atualidade sem competir com o contexto histórico, mas buscando ressaltar a permanência e o valor do existente por meio da diferença. Essa estratégia permite não apenas a leitura clara entre passado e presente, mas também a construção de camadas temporais visíveis através de sua materialidade e estilo, que contribuem para uma narrativa urbana mais coerente com a evolução da cidade.

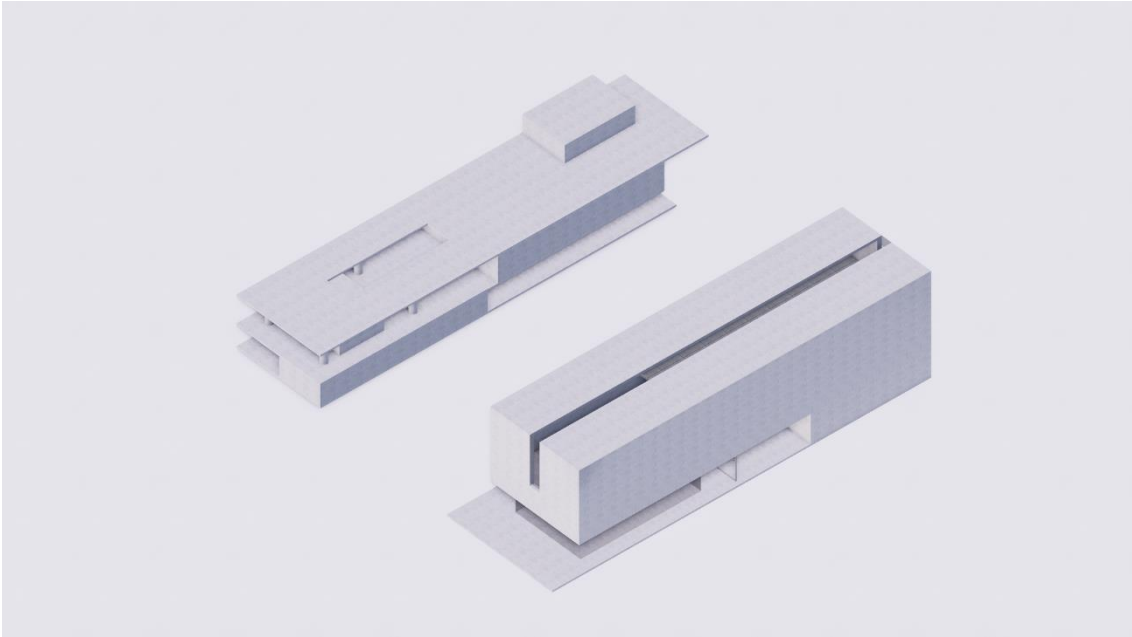


Figura 26: Estudo de volumetria da galeria do projeto.

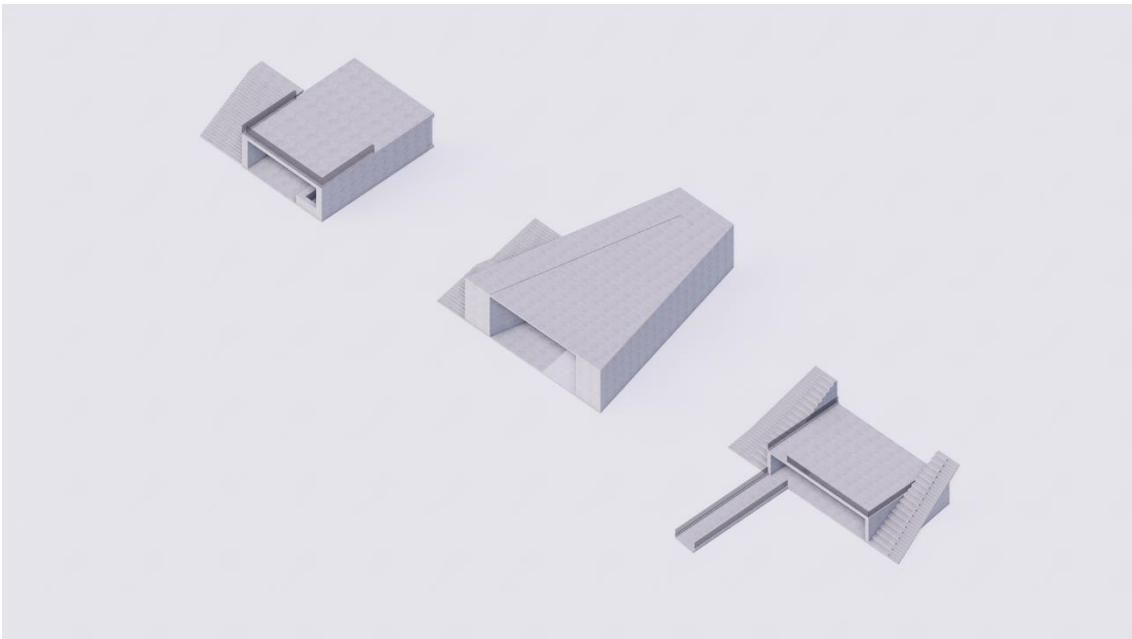


Figura 27: Estudo de volumetria do mercado do projeto.

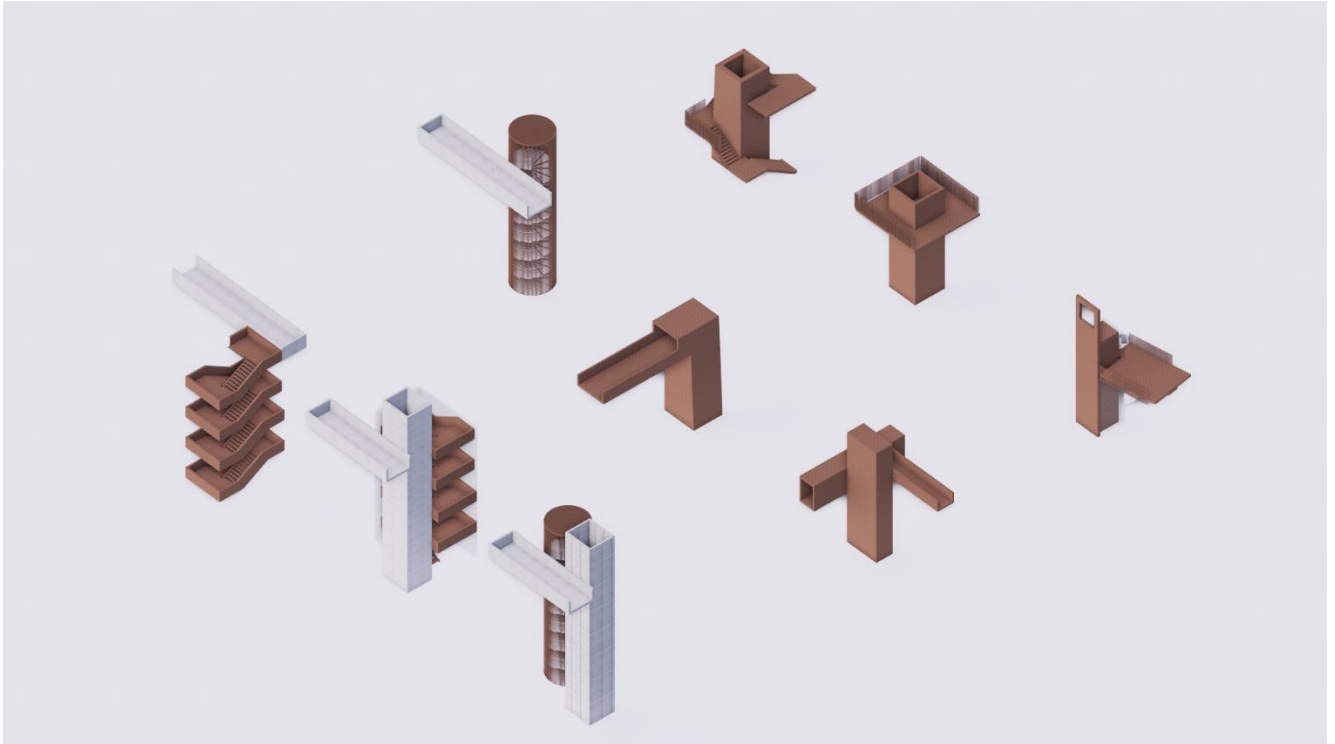


Figura 28: Estudo de volumetria da circulação vertical interligada com a Ponte Luis I do projeto.

III.3. A distribuição das suas partes.

A Escada do Codeçal

Entre os aspectos considerados na proposta, inclui-se a qualificação do percurso por meio de elementos que contribuem para seu conforto e uso contínuo ao longo do dia. A introdução de um sistema de melhoria na iluminação pública ao longo da escada visa garantir visibilidade adequada no período noturno, favorecendo a continuidade do uso e contribuindo para a percepção de maior segurança. Complementarmente, propõe-se a inserção de guarda-corpos nos trechos onde se identificou a ausência de proteção lateral, respeitando a morfologia do terreno e buscando uma solução integrada ao conjunto arquitetônico. Essas estratégias, associadas ao redesenho pontual de patamares e à definição de pontos de parada ao longo do percurso, procuram qualificar o espaço enquanto infraestrutura urbana, sem comprometer sua leitura histórica e espacial.

A Galeria

O volume proposto insere-se de forma estratégica entre a Escada do Codeçal e a Ponte Luís I, configurando-se como um ponto de transição fundamental entre os diferentes níveis do percurso urbano. Com dimensões aproximadas de 40 metros de comprimento por 11,60 metros de largura, o edifício abriga, em sua parte superior, a galeria de exposições, enquanto a base acomoda usos comerciais, como cafés e lojas, ampliando sua inserção programática no tecido urbano e potencializando a ativação da cota inferior.

A estrutura principal do edifício é composta por betão armado, com cobertura em laje protendida e paredes estruturais solução que possibilita vãos livres e confere continuidade à espacialidade interna. Na base, o volume comercial apresenta uma laje de cobertura com estrutura de transição para acomodar a carga em três paredes estruturais. Neste trecho, aberturas em vidro garantem permeabilidade visual e leveza compositiva, trazendo o contraste da caixa de betão armado com a base de vidro, como se a mesma estivesse suspensa. Esta composição entre o embasamento transparente e a galeria acentua a dualidade material entre leveza e brutalidade.

No interior da galeria, a estrutura é composta majoritariamente por paredes portantes, eliminando a presença de pilares e favorecendo a flexibilidade expositiva. Essa escolha estrutural contribui para a clareza formal do espaço e para a construção de uma narrativa contínua e fluida, orientada pelo vazio central com pé direito duplo

e pela claraboia longitudinal, resultando do rasgo zenital na cobertura. A luz natural, inserida pelo piso de vidro laminado na cobertura, torna-se o principal elemento compositivo do ambiente, conduzindo o olhar ao longo do eixo do edifício e culminando na abertura frontal com vista para o Rio Douro.

O nível da base comercial, acessível diretamente pela Escada do Codeçal, estabelece uma transição mais suave entre o edifício e o entorno imediato. A implantação nesse nível favorece a integração com o entorno, com uma área verde situada entre o volume e a estrutura da ponte, contribuindo para a vitalização do percurso público e para a ativação das cotas intermediárias do projeto.

A galeria foi concebida a partir da lógica do Cubo Branco, conceito amplamente difundido na configuração da exposição contemporânea, que defende a criação de ambientes neutros e desprovidos de interferências visuais, de forma a priorizar a obra artística como protagonista do espaço. A ausência de aberturas laterais e elementos decorativos reforça o caráter introspectivo da galeria, criando um espaço sensível à incidência de luz natural, que se transform em agente expressivo e cenográfico. Tal abordagem dialoga diretamente com o pensamento do cenógrafo tcheco Josef Svoboda, cuja produção teórica e prática defendia a luz como matéria plástica e dramática. Ao afirmar "a luz pode transformar um espaço vazio num mundo mágico"⁸ e que "a luz não é apenas uma ferramenta, mas a matéria prima da expressão artística", Svoboda inspira o projeto na concepção de atmosferas sensoriais capazes de transformar a experiência do visitante.

A cobertura do edifício opera como espaço público acessível, funcionando como miradouro e exposições externas. O piso em vidro, por permitir vislumbres parciais do interior, estabelece uma relação entre o interior e o exterior, reforçando a relação entre opacidade e transparência. Livre de mobiliário fixo, esse espaço pode ser ativado com exposições temporárias ou intervenções efêmeras, ampliando a vocação pública e cultural do edifício. Assim a proposta articula diferentes escalas de apropriação, fundindo estrutura, luz e programa numa narrativa arquitetônica integrada.

⁸ SVOBODA, Josef. 1993. The secret of theatrical space. New York: Applause Theatre Book Publishers

A escada integrada

A escada que estabelece a conexão entre o volume da galeria e a cota inferior, onde se localiza o Mercado do Codeçal, foi concebida não apenas como elemento funcional de circulação vertical, mas como parte essencial da lógica espacial e a programática da intervenção arquitetônica. Inspirada no ritmo da Escada do Codeçal existente, a nova escada prolonga sua linguagem construtiva, promovendo uma transição natural entre a pré-existência e o interior do terreno de projeto. Tal gesto convida o visitante a entrar no sítio de forma fluída e intuitiva, respeitando a topografia e reforçando a continuidade do percurso urbano.

Implantada em diálogo sensível com o relevo, sua materialidade foi definida a partir de critérios de permeabilidade, drenagem e conforto de uso, considerando a elevada incidência de chuvas na região e a necessidade de qualificar o escoamento superficial. Para isso, adotou-se um pavimento drenante, composto por base granular e acabamento em placas de betão poroso, permitindo a absorção eficiente da água pluvial e contribuindo para a estabilidade do solo.

A escada insere-se em continuidade com o plano de praça proposta entre os dois volumes principais do projeto, assumindo o papel de elemento articulador de fluxos e conexões. Sua forma permite múltiplas formas de apropriação, seja como espaço de passagem, permanência ou apoio a atividades de caráter coletivo. Esses patamares tornam-se, assim, espaços de pausa, capazes de potencializar o uso cotidiano do local.

Nesse sentido, a escada e seu entorno imediato foram pensados como infraestrutura social e cultural, apta a receber programações temporárias como sessões de cinema ao ar livre, feiras locais, concertos de pequena escala e outras formas de ativação do espaço público. A proposta busca, portanto, explorar as relações visuais e físicas entre os dois volumes principais, a galeria e o mercado, ampliando as possibilidades de uso do terreno de forma flexível, integrada e sensível à dinâmica urbana local.

O mercado multiuso do Codeçal

O volume projetado para abrigar o novo mercado, localizado na cota inferior do terreno, foi concebido a partir de uma geometria compacta e de orientação longitudinal, implantada de forma a acompanhar a morfologia do terreno e reforçar a continuidade visual com a escada e a praça adjacente. A sua materialidade principal é o betão aparente, escolhido pela sua durabilidade, resistência às condições climáticas e capacidade de estabelecer um contraste controlado com a paisagem contruída predominante. A cobertura plana do edifício assume a função de miradouro,

acessível ao público por meio da escada que percorre o volume externamente. Esse espaço superior, livre de interferências, permite a visualização da paisagem urbana e do rio Douro, funcionando também como área de permanência ao ar livre, com potencial para usos espontâneos ou programados.

Internamente, o edifício abriga o mercado em planta livre, com um vazio central permitindo a entrada de luz natural e estabelecendo uma conexão visual entre os diferentes níveis. A versatilidade do espaço interno permite sua adaptação a diferentes usos ao longo do tempo acomodando tanto a lógica comercial de pequenos produtores e feiras periódicas quanto eventos pontuais, como oficinas, atividades gastronômicas, exposições e atividades culturais.

A escada e elevador ligados à Ponte Luís I

Como parte do sistema de articulação entre as diferentes cotas do terreno, a proposta inclui a implantação de um elevador vertical e uma escada complementar que estabelecem a ligação direta entre a cota superior, associada à Ponte Luis I, e o nível inferior do mercado. A introdução do elevador visa garantir acessibilidade universal, ampliando a abrangência do conjunto e assegurando o acesso pleno a todos os usuários. A torre é projetada em betão aparente, com volumetria simples e verticalizada, permitindo uma leitura clara de sua função estrutural urbana, e buscando o equilíbrio visual em relação à paisagem histórica. A partir do nível da ponte, uma passarela em betão em balanço estabelece a ligação direta com a torre do elevador, configurando uma transição leve entre a infraestrutura existente e o novo sistema de mobilidade proposto. A escada, paralela ao elevador, percorre o desnível de forma contínua, com patamares de pausa em pontos estratégicos que oferecem vistas panorâmicas para o rio. Executada em betão pintado, sua materialidade evidencia a intervenção contemporânea ao mesmo tempo em que permite durabilidade e fácil manutenção. A implantação deste conjunto responde não apenas às exigências funcionais do território, mas também à necessidade de integrar fisicamente o sistema proposto à malha urbana existente, valorizando a conexão entre diferentes tempos e escalas da cidade.



Figura 29: Vista isométrica geral do projeto.



Figura 30: Imagem volume da galeria.



Figura 31: Imagem volume da galeria.



Figura 32: Imagem volume da galeria.



Figura 33: Imagem volume do mercado.



Figura 34: Imagem miradouro.

CONCLUSÃO

A presente investigação parte de um gesto simples mas profundo: a escolha de olhar com atenção para um elemento banal do cotidiano urbano, as escadas. Longe de se limitarem à sua função utilitária de conectar desníveis, as escadas revelam-se como dispositivos espaciais que promovem percursos, encontros, permanências e camadas de memória. Ao assumir esse ponto de partida, buscou-se explorar suas potencialidades projetuais, questionando como esse elemento poderia ser revalorizado no desenho do espaço urbano contemporâneo.

O projeto aqui desenvolvido nasce desse olhar sensível, e incorpora as escadas como matéria estruturante. Mais do que caminhos, elas tornam-se articulações espaciais e sociais, moldando a experiência do usuário ao longo do percurso. Foram integradas como passagens fluidas entre cotas, mas também como arquibancadas que convidam à pausa, ou como dispositivos cenográficos que moldam o ritmo e a relação visual entre arquitetura e paisagem.

Ao se alinharem à topografia e dialogarem com estruturas pré-existentes, como a Escada do Codeçal, as novas escadas não apenas respeitam o contexto, mas o atualizam, propondo novas camadas de uso e significado. A decisão de dar a elas protagonismo na organização do projeto reforça a intenção de criar uma arquitetura que surge da paisagem e se oferece à cidade com generosidade e abertura.

Nesse processo, a escada torna-se linguagem, um elemento que estrutura, orienta e transforma. A experiência do corpo em movimento, o tempo do percurso e a possibilidade do encontro tornam-se centrais. O projeto propõe, assim, uma arquitetura que se constrói no gesto de caminhar e permanecer, revelando o potencial de elementos cotidianos na construção de novas narrativas urbanas.

Essa tese propõe uma mudança de perspectiva: reconhecer que, muitas vezes, é nos detalhes negligenciados da cidade que residem as maiores oportunidades de transformação. Dar valor à escada é dar valor à experiência urbana em sua dimensão mais humana e sensível, e é nisso que reside a potência da arquitetura.

BIBLIOGRAFIA(S) / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LORES, Raul Juste. 2017. São Paulo nas alturas: A revolução modernista da arquitetura e do mercado imobiliário nos anos 1950 e 1960. São Paulo: Companhia das Letras.

FERNANDES, Francisco Barata. 1999. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. 2ª ed. Porto. FAUP publicações.

MIELKE, Friedrich. 1993. Handbuch der Treppenkunde. Hannover: Verlag Th. Schäfer.

GEHL, Jan. 2013. Cidade Para Pessoas. São Paulo: Perspectiva.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. 1998. S, M, L, XL. 2ª ed. Nova York: the Monacelli Press.

LIMA, João Filgueiras (Lelé). 2012. Arquitetura: uma experiência na área da saúde. São Paulo: Romano Guerra.

LIMA, João Filgueiras (Lelé). Arquitetura e Pré-Fabricação: Caminhos da Industrialização.

SVOBODA, Josef. 1993. The secret of theatrical space. New York: Applause Theatre Book Publishers

SITES CONSULTADOS:

- Câmara Municipal do Porto:

<https://www.cm-porto.pt/>

- IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional):

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/>

- Metro Arquitetos Associados – Projeto Ladeira da Barroquinha

<http://metroarquitetos.com.br/projetos/ladeira-da-barroquinha>

- Projeto “Olhe o Degrau”

https://www.archdaily.com.br/br/899266/o-espaco-publico-como-objeto-de-transformacao-social?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&ad_source=search&ad_medium=search_result_all

- The Metropolitan Museum of Art

<https://www.metmuseum.org>